

Perspectivismo e circunstancialismo na obra de Gilberto Freyre: a presença de Ortega y Gasset em *Casa-Grande & Senzala*

Antonio Charles Santiago Almeida

Professor adjunto de filosofia e sociologia da Universidade Estadual do
Paraná - UNESPAR.

E-mail: sandiabo@yahoo.com.br

Valkiria de Novais Santiago

Mestranda em Educação

Professora auxiliar da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR.

E-mail: kiriansantiago@yahoo.com.br

Recebido em: 06/06/2015.

Aprovado em: 16/02/2016.

Resumo: Esta pesquisa tem como ponto de partida o pensamento de Ortega y Gasset, pensador espanhol expoente da “geração de 1914”, grupo que sofreu profundas influências da “geração de 1898”, também espanhola. Ambas, aqui mencionadas, viveram dilemas diferentes: enquanto a primeira, 1898, respirava o clima da restauração e da reconstrução espanhola, a geração de Ortega y Gasset, 1914, conviveu com outros dilemas, a saber, o clima de ditadura e da guerra civil. Nesse contexto Ortega y Gasset dedica seus estudos ao que se denomina raciovitalismo, perspectivismo e circunstancialismo. Pois bem, sabe-se que o mundo hispânico influenciou o pensamento brasileiro e, sobretudo a filosofia e a sociologia brasileiras. Desse modo, pretende-se, a partir da leitura e da fundamentação dos conceitos orteguianos, principalmente de perspectiva e de circunstância, apontar sua influência no pensamento de Gilberto Freyre, mais precisamente, investigando como os conceitos orteguianos estão imbricados na produção das obras de Gilberto Freyre, especificamente na obra *Casa-Grande & senzala*.

Palavras-chave: Perspectiva. Circunstância. Hispanismo.

Perspectivism and circumstantialism in the work of Gilberto Freyre: the presence of Ortega y Gasset in *Casa-Grande & Senzala*

Abstract: This paper has as its starting point the thought of Ortega y Gasset, a Spanish thinker who was the exponent of the “generation of 1914”, a group that suffered profound influences from the “1898 generation”, also Spanish. Both, mentioned

here, lived different dilemmas: while the first, 1898, breathed the climate of Spanish restoration and reconstruction, the generation of Ortega y Gasset, 1914, lived with other dilemmas, namely, the climate of dictatorship and civil war. In this context, Ortega y Gasset devotes his studies to what is called racivitalism, perspectivism and circumstantialism. Well, it is known that the Hispanic world influenced Brazilian thinking and, above all, Brazilian philosophy and sociology. In this way, it is intended, from the reading and the foundation of Ortega's concepts, mainly from perspective and from circumstance, to point out its influence in the thought of Gilberto Freyre, more precisely, investigating how the Orteguian concepts are interwoven in the production of the works of Gilberto Freyre, specifically in the work *Casa-Grande & senzala*.

Keywords: Perspective. Circumstance. Hispanism.

1 Considerações Iniciais

Não se pretende fazer uma relação entre os autores Ortega y Gasset e Gilberto Freyre, mas, antes disso, apontar de que maneira os conceitos filosóficos do pensador espanhol, sobretudo de perspectivismo e de circunstancialismo, estão fortemente arraigados na obra *Casa-Grande & Senzala*.

Entretanto, mesmo não se pretendendo estabelecer uma relação entre os autores, busca-se, no artigo aqui apresentado, fazer incursões em textos de Ortega y Gasset, nos quais os temas da cultura são fulcrais, a saber, nas obras *Meditações de Quixote* (1914), *El Espectador* (1916) *Espanha Invertebrada* (1921), *El Tema de Nuestro Tiempo* (1924) e *A Rebelião das Massas* (1930), para formalização dos conceitos orteguianos. Além disso, para compreensão da influência dos conceitos filosóficos do autor espanhol na construção de uma filosofia da cultura no pensamento de Gilberto Freyre, analisar-se-á sua obra *Casa-grande & Senzala*, publicada em 1933.

Desse modo, pretende-se fazer uma leitura do pensador pernambucano, mais precisamente da obra *Casa-grande & Senzala* para, a partir disso, identificar como os conceitos de perspectiva e de circunstância estão desenvolvidos no pensamento de Gilberto Freyre. Todavia, os resultados aqui apresentados são parciais, pois fazem parte do projeto de pesquisa que é desenvolvido no interior da Universidade Estadual do Paraná, Campus de União da Vitória.

2 Perspectiva e Circunstância em Ortega y Gasset

Na obra *Meditações de Quixote*, publicada em 1914, Ortega y Gasset chama atenção para um novo filosofar, o reconhecimento da circunstância como perspectiva filosófica. Nas suas palavras, “o bosque está sempre um pouco mais além de onde nós estamos. De onde chegamos acaba de sair, restando somente suas pegadas ainda frescas. (...) De qualquer um de seus pontos o bosque é, a rigor, uma possibilidade” (ORTEGA Y GASSET, 1967, p. 68). O pensamento orteguiano aposta numa perspectiva filosófica como condição de não só pensar a realidade, mas de compreendê-la e transformá-la, mesmo sabendo que a transformação é, de algum modo, somente perspectiva, ou seja, possibilidade. Mas esta compreensão, no sentido orteguiano, não se reduz ao que se denomina utopia, tampouco de pessimismo, mas de um novo filosofar, quer dizer, compreender a vida como drama, como esforço e como sacrifício. Para além de tudo isso, vida nobre¹. Esta compreensão é denominada no pensamento orteguiano de raciovitalismo², vida com razão última, vida como possibilidade de salvamento. No texto que se denomina de *Adão no Paraíso*, Ortega y Gasset chama atenção para a vida que se apresenta como problema, nas palavras desse autor: “Adão no Paraíso é a vida simples e pura, é o débil suporte do problema infinito da vida” (ORTEGA Y GASSET, 2002, p. 36).

No texto, *Meditações de Quixote*, o autor faz a seguinte observação: “eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela não me salvo a mim” (ORTEGA Y GASSET, 1967, p. 52). Os dois conceitos, a saber, perspectivismo e circunstancialismo, estão imbricados. A circunstância se apresenta como perspectiva e a perspectiva como circunstância no pensamento orteguiano. Desse modo, o salvamento da circunstância é perspectiva do sujeito que tem consigo vida como drama e, do mesmo modo, a perspectiva é uma circunstância em que se encontra o sujeito. Salvar a circunstância significa, dentre outras coisas, buscar o sentido das coisas que circunscrevem o sujeito, ou seja, aquilo que está como condição para o sujeito. Não se trata de um determinismo circunstancial, definição de que a circunstância determina a vida e o modo de sê-la do sujeito, mas, para além disso, trata-se de uma aventura no sentido de conhecer as possibilidades que se

apresentam no entorno circunstancial. Nas palavras de Ortega y Gasset: “a rigor, a rebelião do arcanjo Lúcifer não teria sido menos grave se em vez de procurar ser Deus – o que não era seu destino – tivesse procurado ser o mais insignificante dos anjos, que tampouco era” (ORTEGA Y GASSET, 1987, p. 150).

O desvelamento da circunstância, no sentido orteguiano, faz-se em razão de não só compreender a realidade, mas também de traduzir a possibilidade enquanto perspectiva. No entendimento de Ortega y Gasset, Lúcifer poderia, a partir de sua circunstância, ou seja, perspectiva do que poderia ser, arriscar-se no que era possível, o melhor dos anjos, mas não, aventurou-se no que não poderia ser, arriscou-se em ser Deus, mas esta não era, do ponto de vista de sua circunstância, a sua condição, pois não havia essa possibilidade para ele, Lúcifer.

Esta noção de perspectiva orteguiana e, mais precisamente, de circunstância, acomoda o pensamento do pernambucano Gilberto Freyre. Um autor de pensamento original, dedicado a uma estilística própria e, sem dúvida, dedicado a um projeto salutar de traduzir a realidade brasileira a partir das contradições que recortavam o seu Brasil, especialmente, o Brasil dos trópicos. Um pensador que buscou a compreensão de sua circunstância e dedicou seus esforços na tradução dessa realidade. Basta mencionar as diligências empreendidas na construção de uma realidade que se denominou de Nordeste, ou seja, obra de Gilberto Freyre que buscava resgatar a força do Nordeste, bem como vitalizá-lo no cenário nacional brasileiro. Nas palavras de Gilberto Freyre (1961, p. 5), “a palavra nordeste é hoje uma palavra desfigurada pela expressão obra do Nordeste que quer dizer: obras contra a seca. E quase não sugere senão as secas”. O autor apresenta, na assertiva acima, o que comumente se traduz do Nordeste, lugar de seca, sofrimento. Por isso, adverte o autor, na mesma obra, o Nordeste é muito mais do que isso, representa o lugar da casa-grande, da cana-de-açúcar e, para além de tudo isso, um lugar que representa o Brasil, a forma de ser brasileiro.

Para Larreta e Giucci, autores da obra Gilberto Freyre – uma biografia cultural (2007, p. 27), “tratava-se de um livro concebido e organizado por ele, composto de artigos comentados, alguns deles pagos. Constituía, de fato, um sério desafio intelectual, e estava decidido a editar um livro pioneiro, que evitasse o mais possível os medalhões (...)”. Gilberto Freyre, semelhante a Ortega y Gasset,

busca traduzir a sua realidade, ou seja, compreender a sua circunstância e, mais do que isso, perder-se nela. Por essa razão, Gilberto Freyre, com a obra *Nordeste*, atinava para uma paisagem que era muito mais dele, isto é, o seu Nordeste, ou ainda, o seu Recife, como circunstância e perspectiva enquanto realidade imaginativa. Nas palavras de Gilberto Freyre, na representação dessa sua realidade,

[...] um Nordeste onde nunca deixa de haver uma mancha de água: um avanço de mar, um rio, um riacho, o esverdeado de uma lagoa. Onde a água faz da terra mais mole o que quer: inventa ilhas, desmancha istmos e cabos, altera a seu gosto a geografia convencional dos compêndios. (FREYRE, 1961, p. 5)

Observa-se, na assertiva acima, o novo prisma que é dado para essa sua realidade, o nordeste. Um lugar que é para além das secas e dos sofrimentos. Um lugar que, para o pernambucano, representa a beleza e a vida nos trópicos.

Ademais, esse pensador em movimento, Gilberto Freyre, hostilizado e, em algum momento, caricaturado como pensador elitista, semelhante a Ortega y Gasset, no sentido de uma teorização da cultura. Enfrenta a incompreensão no sentido de uma formulação teórica e que, por isso, padece em razão de hipóteses desajustadas e, quando não desconexas por parte de um público pouco especializado no que compreende o perspectivismo e o circunstancialismo filosóficos utilizados por Gilberto Freyre, cujo objetivo era traduzir a sua realidade.

Não se pretende fazer incursões nos textos de Ortega y Gasset e, sobretudo, de Gilberto Freyre, no sentido de desfazer ou de responder as críticas que são atribuídas a tais autores, especialmente, no que correspondem às interpretações enviesadas ou, de algum modo, às que são fundamentadas e até correspondem à realidade e, conseqüentemente, expõem as fragilidades teóricas dos autores. Pois, como todo e qualquer autor, os aqui mencionados têm suas limitações, do ponto de vista teórico, claro, mas que, como todo grande autor, as proposições fazem das fragilidades um mero detalhe.

3 Aproximações entre dois grandes autores, Ortega y Gasset e Gilberto Freyre.

Ortega y Gasset e Gilberto Freyre são autores contemporâneos e representam duas realidades distintas, mas que existem relações teóricas muito próximas, especialmente quando a questão é pensada pelo prisma do perspectivismo e do circunstancialismo filosóficos. Os dois autores fazem um caminho muito parecido, pois deixam a sua pátria natal e se dedicam aos estudos em países diferentes, mas, mesmo longe de sua pátria, não deixam de orquestrar estudos e inquietações sobre sua terra natal. Ambos, após um bom período de estudo, regressam para suas origens e sistematizam os estudos sobre sua realidade política, social e educacional. Mas não se contentam com a sistematização do estudo e, por isso, adentram, de algum modo, na atividade política.

Ortega y Gasset e Gilberto Freyre fazem uso do jornal para disseminar suas ideias, estabelecer debates e, antes de tudo, orientar, no sentido filosófico e político um público não especializado nas áreas da filosofia, da sociologia, da cultura e também da política. Não se pretende, dito anteriormente, fazer comparações entre os autores, não é esse o propósito do artigo, mas, para além disso, busca-se, no expediente de Gilberto Freyre, a presença dos conceitos filosóficos orteguianos, perspectivismo e circunstancialismo. A presença de tais conceitos é fundamental para compreensão do estilo de escrita de Gilberto Freyre e, ainda, para a compreensão do propósito de seus textos, traduzir a sua realidade, responder a sua inquietação e, acima de tudo, potencializar o seu projeto de perspectiva e de circunstância filosófica e cultural. Nas palavras do próprio Gilberto Freyre (1968, p. 118), “dentre o que possa ser destacado como novo ou inovador no livro Casa-Grande & senzala talvez nenhum traço se apresente mais significativo do que este, até hoje pouco considerado pelos críticos: o seu múltiplo e por vezes simultâneo perspectivismo (...)”.

Desse modo, não se trata de fazer a defesa dos autores, em especial de Gilberto Freyre em razão de determinados debates, a exemplo da discussão em torno da democracia racial ou coisa do gênero. Para localização de um debate depurado, basta observar a discussão apresentada por Chiavenato, na obra *O Negro no Brasil*, na qual o autor faz uma severa crítica ao pensamento de Gilberto Freyre, especialmente,

a sua abordagem paternalista para com o negro, ou seja, nas palavras de Chiavenato (1987, p. 182), referindo-se a Freyre, “o primeiro a defender os negros com maior acuidade humana, transformou essa defesa em um paternalismo negrófilo que, depurados dos seus derramamentos sensuais e literários, mostra o negro como um homem que precisa ser protegido: inferior”. Entretanto, Gilberto Freyre já havia assinalado para esse fato, isto é, na obra *Como porque sou e não sou sociólogo*, o autor faz a seguinte observação: “daí ser Casa-Grande & senzala um livro múltiplo em suas perspectivas; contraditório, até, no seu perspectivismo; passível da acusação de negrófilo” (FREYRE, 1968, p. 117). Outro autor que não reserva críticas ao pensamento de Gilberto Freyre é Clovis Moura, estudioso da sociologia do negro brasileiro. Segundo ele, Gilberto Freyre se localiza no seletivo grupo de intelectual, cuja ideologia é de mascaramento da realidade brasileira, especialmente, quando a questão é a escravidão, a localização do negro como peça inferior e, também, como ideólogo do branqueamento. Um tanto descabida a crítica, quando esta, relacionada a Gilberto Freyre, refere-se a ideologia do branqueamento, mas não se trata, justamente, nesse momento de adentrar nessa ceara. Para a elucidação do proposto, vale apenas observar a advertência de Clovis Moura,

Gilberto Freyre antecipava-se na elaboração de uma interpretação social do Brasil através das categorias de Casa-Grande & senzala, colocando a nossa escravidão como composta por senhores bondosos e escravos submissos, empaticamente harmônicos, desfazendo, com isto, a possibilidade de se ver o período no qual perdurou o escravismo entre nós como cheio de contradições agudas [...]. O mito do bom senhor de Freyre é uma tentativa sistemática e deliberadamente bem montada e inteligentemente arquitetada para interpretar as contradições estruturais do escravismo como simples episódio epidérmico, sem importância, e que não chegaram a desmentir a existência dessa harmonia entre exploradores e explorados durante aquele período. (MOURA, 1988, p. 18).

Os debates, do ponto de vista de uma democracia racial, conceituados não cunhado por Gilberto Freyre, são intermináveis e, como já se disse, não se pretende fazer defesa ou participar dessa discussão, mas antes disso, busca-se, no presente artigo, ainda que resultados parciais, localizar a discussão de perspectivismo e de circunstancialismo no

pensamento de Gilberto Freyre, à luz de Ortega y Gasset e, preferencialmente, a presença orteguiana na obra *Casa-Grande & senzala*. Decerto que a compreensão de conceitos filosóficos pode, a partir de um contexto histórico, facilitar o debate em torno de uma filosofia da cultura esboçada pelo recifense Gilberto Freyre, quando o passado, o presente e o futuro se cruzam em razão de um Brasil que se harmoniza em suas contradições.

Ortega y Gasset, expoente do pensamento espanhol, tem seu reconhecimento no universo acadêmico em razão da obra *A Rebelião das Massas*. Esta obra, de caráter político, ultrapassa as fronteiras da Espanha e ganha visibilidade não só na Europa, mas também fora dela. A obra faz uso de uma tipologia de homem que se denomina de, nos escritos orteguianos, homem-massa³ e homem-minoria⁴. Tal compreensão é, no sentido político, uma denúncia do que parece, segundo Ortega y Gasset, saltar os olhos, a *Rebelião das Massas* na sociedade contemporânea, ou ainda, de acordo com o autor, o império brutal das massas.

Com certeza existem outros textos orteguianos de grande envergadura, mas este, *A Rebelião das Massas*, coloca o seu autor no cenário internacional dos grandes autores. Para Julián Marías (1991, p. 20), filósofo da Escola de Madrid, “quando a obra fora publicada em inglês, o jornal *Atlantic Monthly* anunciou aos seus leitores: “O que o Contrato Social de Rousseau foi para o século XVIII e O Capital de Karl Marx para o século XIX, deverá ser *A Rebelião das Massas* do senhor Ortega y Gasset para o século XX””. A discussão tipológica de homem é bastante provocativa e, talvez por isso, a obra ganha grandes contornos no sentido de ultrapassar as fronteiras da Espanha. Contudo, a obra aqui memorada, é parte de uma caminhada que, de certo modo, é bastante desconhecida do grande público, uma vez que é bastante comum, leitores desavisados fazerem uma leitura dos textos orteguianos, sobretudo, no que correspondem à compreensão dos conceitos de homem-massa e homem-minoria. Não se pretende adentrar nesse debate, mas atinar para uma leitura cuidadosa do texto orteguiano, pois, ainda de acordo com Julián Marías (1991, p. 35), “o pensamento orteguiano é semelhante ao iceberg, isto é, esconde-se nas águas e apresenta apenas partes ínfimas”, quer dizer, não se pode fazer uma leitura superficial ou, de outro modo, aventurar-se numa leitura sem a compreensão e ligação dos conceitos que se imbricam entre si.

Os textos de Gilberto Freyre são, de algum modo, parecidos com os textos orteguianos. A aparência é no sentido de posição política, do estilo de escrita e de posicionamento em defesa de uma circunstância cotidiana. Os autores Larreta e Giucci, na obra Gilberto Freyre - uma biografia cultural, trazem à tona uma escrita do intelectual Mexicano, Afonso Reis, que, dentre outras coisas, foi embaixador do México no Brasil no período de 1930 a 1936, que faz referência a obra de Gilberto Freyre, Casa-Grande & senzala, “meu querido Gilberto Freyre. Seu livro é uma maravilha de matéria, de construção e de espírito. Conforme avanço em sua leitura, tenho a impressão de ir segurando o Brasil pelo próprio cordão umbilical.” (LARRETA; GIUCCI, 2007, p. 437).

Após a publicação da obra Casa-Grande & senzala o autor endereçou-a para professores e amigos fora do Brasil, buscava com isso a crítica, bem como o reconhecimento de seu trabalho, pois, no Brasil, especialmente, no seu Pernambuco, a receptividade da obra era, de algum modo, marginalizada. Assinala o próprio autor, na obra Como e porque sou e não sou sociólogo, “do Brasil, daqueles extremistas, um sugeriu que livro, para ele tão impatriótico quanto obscuro, fosse queimado em praça pública, num como auto-de-fé de novo estilo” (FREYRE, 1968, p. 137). Para Gilberto Freyre, o livro, nos primeiros anos de sua publicação, foi recebido, no Brasil, ora de forma hostilizada e, ora, esquecida⁵, mas, fora do Brasil, o livro ganhava grandes proporções, basta observar o que diz o próprio autor : “daí, o sociólogo francês Georges Balandier ter escrito, a propósito de Casa-Grande & senzala, que esse livro brasileiro poderia ser considerado base para uma sociologia do cotidiano em profundidade e no tempo” (FREYRE, 1968, p. 119).

Pois bem, a sociologia de Freyre, do ponto de vista filosófico, traz consigo a presença do cotidiano e do casuístico como elementos de um circunstancialismo privado, ou seja, da circunstância existencial como condição vital. Decerto que esse cotidiano é atravessado pelo equilíbrio entre as diferenças, equilíbrio entre as dicotomias e, acima de tudo, numa visão quase romântica, equilíbrio entre os antagonismos. Mas isso, essa relação de equilíbrio, só é possível, no que diz respeito à narrativa, graças ao estilo de linguagem, alocada num circunstancialismo cotidiano e, para além de tudo isso, aprisionado por um sentimento de brasilidade, mais precisamente, de seu Recife⁶. Para a professora

Elide Rugai, estudiosa do pensamento ibérico, na obra Gilberto Freyre e o pensamento hispânico, faz a seguinte observação,

[...] como se sabe, a metodologia que funda a Casa-Grande & senzala, é a análise do cotidiano. Gilberto procura reconstituir através de documentação pouco convencional – diários, cartas, livros de receita, relatos, textos de viajantes, reminiscências familiares – o modo de vida do povo e das elites no Brasil, no período colonial. (RUGAI, 2003, p. 58).

A discussão apresentada pela professora supracitada reforça o debate proposto neste artigo, no sentido de que existe uma preocupação com a circunstância, traduzida, no texto da professora acima citada, como cotidiano, análise do cotidiano, mais precisamente, sociologia do cotidiano. Desse modo, de posse dessa compreensão, ainda que parcial, da localização dos conceitos de perspectivismo e de circunstancialismo no pensamento de Gilberto Freyre, compete adentrar no problema proposto, diagnosticar na obra Casa-Grande & senzala a presença dos conceitos orteguianos, sobretudo, os conceitos de perspectivismo e de circunstancialismo na construção de uma nova sociologia brasileira, a sociologia do cotidiano.

Gilberto Freyre relata no seu livro *Como e porque sou e não sou sociólogo* (1968), que se tornou sociólogo por uma recordação de infância. Para o autor que, aos seis anos de idade fugiu de casa, relata na sua obra, mas voltou com saudade dos pais, até do gato e da casa. Assim, diz ele, fugiu do Brasil, mas, a saudade da terra, de sua gente o fez voltar e, por isso, tornou-se sociólogo. E Casa-Grande & senzala, configura-se como esse lugar, lugar de saudade. Lugar em que as receitas de culinária, as brincadeiras de criança, as lembranças de uma infância feliz entornam uma sociologia da vida privada, como nos versos de Drummond, no poema intitulado Gilberto Freyre, publicado em *Viola de Bolso* novamente encordoad, em 1955:

Velhos retratos,
De carurus e guisados;
As tortas ruas direitas;
Os esplendores passados;

A casa-grande; a senzala;
Inda os remorsos mais vivos,
Tudo ressurge e me fala,
Grande Gilberto, em teus livros. (ANDRADE, 1955).

Basta observar o prefácio da primeira edição de Casa-Grande & senzala para, a partir dele, perceber o estilo circunstancial e cotidiano na tradução da realidade feita por Gilberto Freyre. No que compreende a Bahia⁷, coloca-se como um grande baiano, mesmo alegando que se tratava de um lugar de rápidas visitas, mas que na apresentação desse lugar se deixa derramar em deleites e, especialmente, quando se perde em narrativas de receitas de bolos e de doces, nas palavras do autor: “certos gostos mais finos da velha cozinha das casas-grandes que fez dos fornos, dos fogões e dos tabuleiros de bolo da Bahia seu último e Deus queira que invencível reduto” (FREYRE 2003, p. 29). Por essa razão, a professora Elide Rugai, na obra Gilberto Freyre e o pensamento hispânico (2003), chama a atenção para o método nada convencional desse autor em fazer a sua sociologia, ou seja, de acordo com ela, o autor se vale de receitas de bolo, de relatos de viajantes e até mesmo de anúncio de jornais para tecer uma sociologia genuinamente brasileira.

Um autor que, no entendimento da professora, faz-se no cotidiano, aproveita-se dele para traduzir o pensamento brasileiro. Por essa razão, o próprio Gilberto Freyre lembra o debate que se sucedeu em torno da obra Casa-Grande & senzala, no que corresponde ao seu estilo de narrativa, bem como a forma de sua escrita, em que segundo o autor, na obra Como e porque sou e não sou sociólogo (1968), relata os comentários pejorativos sobre o estilo de linguagem apregoados na obra Casa-Grande & senzala, dos quais se destaca: “como é que se escreve um livro com pretensões a sério em estilo tão vulgar?” (FREYRE, 1968, p. 122). E o autor, ainda na obra mencionada, responde da seguinte maneira: “em vez de ar- revesado jargão ou elegância, da chamada acadêmica, palavras, na

sua maioria, ao alcance do leitor comum; e várias delas rudes, além de acadêmicas” (FREYRE, 1968, p. 121),.

O estilo, a metodologia e a linguagem apontam para uma sociologia do cotidiano, quer dizer, direciona a reflexão para o conceito de circunstância, circunstância cotidiana, no sentido filosófico e orteguiano. A perspectiva é arrematada para além do estilo, da metodologia e da linguagem simples, compreende-se como uma aventura, ou, mais precisamente, como uma aposta no Brasil, o Brasil do futuro, tecido com as misturas de etnias que se combinaram, que se cruzaram e que formalizaram uma paisagem, paisagem brasileira de gente misturada, como nas palavras do autor (2003), registrada na poesia de abertura do livro *Casa-Grande & senzala*,

Eu ouço as vozes
eu vejo as cores
eu sinto os passos
de outro Brasil que vem aí
mais tropical
mais fraternal
mais brasileiro. (FREYRE, 2003)

Tal perspectiva, formulada em paisagem que se movimenta e que entorna a circunstância no sentido de um porvir, filosófico é fato, mas que se caracteriza a partir de uma tipologia de homem, homem brasileiro que se faz na mistura, que não é português, que não é indígena e que não é africano, mas é, no seu conjunto tudo isso, mesmo que não pareça, porém a sua constituição, do ponto de vista da cultura, e não mais de raça, se constitui como brasileiro, pois, nas palavras de Gilberto Freyre, (2003, p. 366) “todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo – há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil – a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro”.

4 Considerações Parciais

Desse modo, a discussão que se pretendeu foi justamente apontar, ainda que parcialmente, os resultados de estudo que compõem o projeto, compreender os conceitos de circunstância e

de perspectivismo orteguianos na obra de Gilberto Freyre, mais precisamente na obra Casa-Grande & senzala. Todavia, é possível atinar, a partir dos estudos feitos até o momento, como é verdadeiro o que se pretende, ou seja, apontar a influência de Ortega y Gasset na vida de Gilberto Freyre.

Notas

- 1 É sabido que o conceito de nobreza é carregado de ideologias e é, de alguma maneira, polissêmico. O conceito de nobreza, no sentido orteguiano, (1987, p. 95) “a nobreza define-se pela exigência, pelas obrigações, não pelos direitos. Noblesse oblige. Viver à vontade é de plebeu: o nobre aspira à ordem e à lei (Goethe)”. Ainda, numa outra passagem da obra A Rebelião das Massas, Ortega y Gasset (1987, p. 96) chega à seguinte conclusão: “é irritante a degeneração sofrida por uma palavra tão inspiradora como ‘nobreza’, no vocabulário usual. Porque o fato de significar para muitos ‘nobreza de sangue’, hereditária, a transforma em algo parecido com os direitos comuns, em qualidade estática e passiva, que se recebe e transmite como uma coisa inerte. Mas o sentido próprio, etymo do vocábulo ‘nobreza’, é essencialmente dinâmico. Nobre significa o ‘conhecido’, entenda-se o conhecido por todo mundo, o famoso, que se fez conhecer por sobressair da massa anônima. [...] Nobre, portanto, equivale a corajoso ou excelente”.
- 2 Razão vital. Há uma influência de Kant, especialmente dos conceitos tipológicos de menoridade e de maioridade. É sabido que Kant, no texto que se denomina de Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento? faz uma divisão da sociedade em duas categorias, de um lado a menoridade e, do outro, a maioridade. Sendo que, segundo o autor, somente por meio da razão, o uso da racionalidade, será possível emancipar o homem, ou seja, tirá-lo da condição de menor e colocá-lo na condição de maior. Desse modo, a razão, somente esta, pode emancipar o sujeito, a razão como o centro, a responsável pela emancipação do homem. Ortega y Gasset, por meio do seu raciovitalismo, pensa não a razão, como fez Kant, mas a vida com o centro e a razão como elemento dessa vitalidade, por isso, de acordo com Ortega y Gasset, denomina-se de raciovitalismo a vida como razão última e não o seu contrário.
- 3 Para Ortega y Gasset (198, p.14), a definição de homem-massa é [...] um homem feito de pressa, montado simplesmente sobre poucas e pobres abstrações e que, por isso, é idêntico de um extremo ao outro da Europa. A ele se deve o triste aspecto de asfixiante monotonia que a vida vai tomando em todo o continente. Esse homem-massa é o homem previamente esvaziado de sua própria história, sem entranhas de passado e, por isso mesmo, dócil a todas as disciplinas chamadas irracionais.
- 4 De acordo com Ortega y Gasset, a noção de homem-minoria é, na obra A Rebelião das Massas (198, p.45) “quando se fala de minorias especiais, a habitual má-fé costuma distorcer o sentido dessa expressão, fingindo ignorar que o homem-especial não é o petulante, que se julga superior aos outros, mas o que exige mais de si mesmo que a maioria, ainda que não consiga atingir essas exigências superiores”.
- 5 Gilberto Freyre menciona o silêncio do Oliveira Viana com relação a obra Casa-

- Grande & senzala, onde, Diz Gilberto Freyre (1968), a vaidade de Oliveira Viana, não permitiu que ele falasse uma só palavra a respeito do seu livro, diz o autor, guardou, em silêncio, até o fim de sua vida qualquer comentário a respeito de Casa-Grande & senzala e, como se não bastasse, devolveu o exemplar, recebido de presente, ao primeiro editor da obra. Ainda, segundo Gilberto Freyre (1968, p. 138) “devo recordar, que atitude semelhante, com relação ao livro Casa-Grande & senzala foi a de outro eminente crítico brasileiro daqueles dias: Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde). Conservou-se o professor Amoroso Lima, durante anos, sistematicamente silencioso diante da obra para alguns intelectuais católicos de então, tão inquietante quanto para vários intelectuais comunistas mais ortodoxos.
- 6 Fernando Henrique Cardoso (2003, p. 2), sociólogo brasileiro, na apresentação da obra Casa-Grande & senzala, chama a atenção para a relação de equilíbrio que existe na obra de Gilberto Freyre, “O patriarca de Gilberto Freyre poderia ter sido um déspota doméstico. Mas seria, ao mesmo tempo, lúdico, sensual, apaixonado. De novo, no equilíbrio entre contrários, aparece uma espécie de racionalização que, em nome das características ‘plásticas’, tolera o intolerável, o aspecto arbitrário do comportamento senhorial se esfuma no clima geral da cultura patriarcal, vista com simpatia pelo autor”.
- 7 Basta observar o poema de Gilberto Freyre que se intitula de Bahia. In. Antologia de Humorismo e Sátira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1957. O autor, de forma crítica apresenta as contradições, as misturas e a identidade brasileira a partir dessa realidade, terra de todos os santos e de quase todos os pecados.

Referências

- BASTOS, Elide Rugai. **Gilberto Freyre e o pensamento hispânico**. Baururu: EDUSC, 2003.
- CHIAVENATO, J. Júlio. **O Negro no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & senzala**. São Paulo: Global Editora, 2003.
- _____. **Como e porque sou e não sou sociólogo**. Brasília: Universidade de Brasília, 1968.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1961.
- KANT, Immanuel Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento? In: **Textos Seletos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- LARRETA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guillermo. **Gilberto Freyre – uma biografia cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MORA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: editora Ática, 1988.

ORTEGA Y GASSET, José. **A Rebelião das Massas**. São Paulo: Martins fontes, 1987.

_____. **Adão no Paraíso e outros ensaios**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

_____. **Meditações do Quixote**. São Paulo: Livro Ibero Americano – LTDA, 1967.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**. De Varnhagem a FHC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2005.